

A luz púrpura

Nunca tive uma conexão significativa com a natureza da minha cidade. Na realidade, passei longos anos de minha vida entregue ao ceticismo e à descrença no poder da natureza de Santa Maria. Minha ignorância me cegava e me impedia de admirar a beleza dos cenários pastoris no entorno da cidade ou das numerosas árvores que cercam seu grande vale. Essa venda esteve em meus olhos até um dia revelador, quando pude sair de um estado de obscurantismo e enfim enxergar a luz.

Eu dirigia em direção à minha cidade natal. Ao me mudar para fora do estado, não imaginava que, um ano após minha partida, as chuvas de 2024 viriam como um fenômeno de proporções bíblicas e arrasariam meu amado Rio Grande. Passando por estradas repletas de buracos e por pontes ainda em processo de reconstrução, tentava enxergar algo de belo em uma paisagem devastada por um evento catastrófico. Tomada pela revolta, eu irracionalmente culpava aquela que parecia ser a mais óbvia responsável pela tragédia: a natureza. Sentia raiva de tudo que parecia se relacionar com o desastre “natural” que havia atingido impiedosamente meu lar.

De repente, uma neblina torna difícil enxergar o caminho. Os carros que me cercam são engolidos pela paisagem acinzentada e confusa. A névoa era capaz de transformar uma estrada reta em um caminho sinuoso. As placas desapareciam e eu temia a possibilidade de me perder. Pensei em parar e pedir ajuda, mas não pude avistar sequer uma silhueta humana ao meu redor. Sem saber direito como me guiar e sem sinal de internet para ligar um navegador que indicasse o caminho à cidade, a única coisa que me restava era a esperança de que a neblina, em algum momento, diminuiria.

Após longos minutos, começo a me sentir cada vez mais desorientada. Minha cidade precisava estar ali, em algum lugar no meio de uma “imensidão cinza”. É então que, subitamente, avisto uma aparição divina: um raio de luz ilumina uma árvore. A magnífica visão que emergia da névoa era de uma planta inconfundível. As folhas de cor púrpura me mostravam que aquele era um ipê-roxo, árvore símbolo de Santa Maria. Quando nada mais era capaz de me salvar da neblina, a natureza da cidade surgia para resgatar uma filha perdida. Com o raio de sol iluminando o caminho e se misturando com a cor roxa das folhas do ipê, fui guiada de volta ao lar através de sua luz púrpura.

Aluno: Ana Lis Bevilaqua Ribas
Colégio Tiradentes – Santa Maria – 2ª série
Gênero: narrativa ficcional

Comentário da banca: Em sua narrativa, Ana, de maneira que transmite esperança de que dias melhores sempre são uma possibilidade em momentos difíceis, traz à tona a relação entre natureza e afetividade com a sua cidade natal ao trabalhar com o elemento histórico que marcou Santa Maria - as enchentes de 2024 - e com o simbolismo do ipê-roxo.